

**A HERMENÊUTICA FEMINISTA DOS TEXTOS BÍBLICOS E SUA
INFLUÊNCIA NA DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE UM “DEUS HOMEM”:
UMA ABORDAGEM A PARTIR DO CAPÍTULO III DA CARTA APOSTÓLICA
MULIERIS DIGNITATEM, DO PAPA JOÃO PAULO II SOBRE A DIGNIDADE DA
MULHER**

*THE FEMINIST HERMENEUTIC OF THE BIBLICAL TEXTS AND ITS INFLUENCE ON
THE DECONSTRUCTION OF THE IMAGE OF A “GOD MAN”: AN APPROACH FROM
CHAPTER III OF POPE JOHN PAUL II’S APOSTOLIC LETTER MULIERIS
DIGNITATEM ON THE DIGNITY OF WOMAN*

*Wânderson Eduardo Moraes Leite¹
Cláudio Vianney Malzoni²*

Resumo: Em 1988, o Papa João Paulo II lançou a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* pela qual convidava o mundo católico a uma reflexão sobre a dignidade e a vocação da mulher. O terceiro capítulo dessa Carta Apostólica trouxe uma importante abordagem sobre o tema do antropomorfismo da linguagem bíblica em relação a Deus. Com isso, o Papa abriu o espaço para uma reflexão de desconstrução da associação de Deus ao gênero masculino. Tomando, pois, a reflexão de João Paulo II sobre esse tema, é possível perceber o quanto a hermenêutica feminista dos textos bíblicos contribuiu para uma visão menos machista de Deus e mais aberta à valorização das mulheres como imagem dele e, conseqüentemente, dele como imagem delas. O presente artigo propõe uma abordagem da questão de gênero em relação a Deus a fim de desconstruir a imagem de um Deus associado ao gênero masculino. Essa provocação não entra tanto no campo da linguística, mas partindo de princípios bíblicos-teológicos pretende identificar no âmbito católico, de modo especial na Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, do Papa João Paulo II, aspectos que colaborem com essa reflexão, reconhecendo, ao mesmo tempo, as contribuições da hermenêutica feminista e da teologia feminista para as reflexões nesse âmbito.

Palavras-chave: *Mulieris Dignitatem*. Hermenêutica feminista da Bíblia. Imaginário sobre Deus.

Abstract: In 1988 Pope John Paul II launched the Apostolic Letter *Mulieris Dignitatem* inviting the Catholic world to reflect on the dignity and vocation of women. The third chapter of this Apostolic Letter brought an important approach to the anthropomorphism of biblical language in relation to God. With this, the Pope opened the space for a reflection of deconstruction of God's association with the male gender. Taking John Paul II's reflection on this subject, it is possible to see how the feminist hermeneutics of the biblical texts contributed to a less macho view of God and more open to the valorization of women as his image and, consequently, his as an image of them. This paper proposes an approach to gender in relation to God in order to deconstruct the image of a God associated with the male gender. This provocation do not enter in the field of linguistics, but from biblical-theological principles, it intends to identify in the Catholic context, especially in Pope John Paul II's Apostolic Letter *Mulieris Dignitatem*, aspects that contribute to this reflection, while recognizing at the same time, the contributions of feminist hermeneutics and feminist theology to reflections in this area.

Keywords: *Mulieris Dignitatem*. Feminist hermeneutic of the Bible. Imaginary about God.

¹ Mestrando em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: eduardo_sje.moraes@hotmail.com

² Doutor em exegese bíblica pela Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém. Professor e pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: cvmalzoni@hotmail.com

Introdução

Em dezembro de 2017, o site Nexo Jornal publicou uma matéria de Murilo Roncolato intitulada “A Igreja sueca que pretende tratar Deus sem um gênero específico”. Na referida matéria, Murilo abordava a proposta da arcebispa Jackelén, líder dos luteranos nesse país, de rever o uso de termos como “Ele”, “pai” e “senhor” para se referir a Deus. Para ela, essa é uma questão que vai além de ideais políticos, mas é uma questão profundamente teológica que tem como ponto de partida o princípio de que Deus está além de qualquer limitação de gênero, já que Deus não é humano. Essa proposta causou certa inquietação, sobretudo na ala mais conservadora da Igreja Católica, que logo se empenhou em lançar críticas revidando o argumento da arcebispa.³ No entanto, um olhar atento sobre a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, do Papa João Paulo II, faz perceber que há fundamento na argumentação da líder luterana.

Partindo do princípio de Deus como mistério insondável e inatingível por todas as criaturas, compreende-se a curiosidade da mesma criatura em relação a quem lhe criou. Por isso, surgem questionamentos diversos sobre quem é Deus, como é Deus, como se comunica e como se pode falar a seu respeito. É muito comum associarmos Deus a uma figura do gênero masculino. Dos textos bíblicos às liturgias, cânticos e orações sempre se referem a Deus no gênero masculino, Deus é pai, é senhor, é guerreiro. Dificilmente, associa-se Deus a uma figura de gênero feminino e, quando se faz tal associação, a mesma é feita de modo vago ou indireto, pois, quando feita de modo objetivo e direto, quase sempre é vista com reservas. Entretanto, num contexto em que se discutem cada vez mais questões de gênero por que não discutir também as questões de gênero relacionadas a Deus?

Embora os textos bíblicos e a teologia, de um modo geral, transmitam a concepção de um Deus que é puro espírito e, por isso, assexuado, desde o princípio, como foi afirmado anteriormente, a imagem de Deus foi associada, em termos de gênero, ao masculino.

Por muito tempo, pensar em Deus como uma mulher ou referir-se a ele como mãe poderia ser considerado uma grave heresia ou ofensa à divindade. Entretanto, mesmo com todo o avanço da reflexão bíblico-teológica, as questões de gênero em relação a Deus persistem. Por isso, no presente artigo, propõe-se abordar a desconstrução do gênero

³ RONCOLATO, M. A Igreja sueca que pretende tratar Deus sem um gênero específico.

masculino atribuído a Deus a partir do tema “antropomorfismo da linguagem bíblica”, desenvolvido no capítulo III da carta *Mulieris Dignitatem* de João Paulo II à luz da influência da hermenêutica feminista dos textos bíblicos.

Sem pretender entrar numa abordagem sobre as questões da linguagem a respeito de Deus, busca-se no presente artigo, refletir sobre a associação de Deus à figura masculina e propõe-se uma desconstrução dessa associação de gênero propondo uma compreensão da analogia de Deus com a humanidade, de um modo geral, a fim de excluir hermenêuticas que favoreçam uma interpretação machista e perigosa dos textos bíblicos.

Para alcançar este objetivo, o artigo tem três partes. Na primeira, será tratado o terceiro capítulo da Carta Apostólica sobre a Dignidade da Mulher, de João Paulo II. Na segunda parte, será apresentada, em linhas gerais, a contribuição da hermenêutica feminista na abordagem dos textos bíblicos. Enfim, na terceira parte será apresentada uma pesquisa referente à percepção do gênero de Deus entre cristãos de diversas igrejas.

1. O antropomorfismo da linguagem bíblica – a desconstrução do gênero masculino atribuído a Deus a partir da reflexão de João Paulo II

Antropomorfismo é uma palavra de origem grega que significa forma humana. Quando se fala em antropomorfismo da linguagem bíblica em relação a Deus, busca-se afirmar que a Bíblia está repleta de passagens que atribuem a Deus características humanas, embora Deus seja puro espírito. Entretanto, ainda que a linguagem humana seja limitada para falar de Deus e, por isso, para tal, necessite de comparações e caracterizações humanas para demonstrar seus atributos, quase sempre a pessoa de Deus encontra-se associada a imagens do gênero masculino e não do gênero feminino, de modo que, pode-se afirmar que há mais um andromorfismo na linguagem bíblica, isto é, a associação de Deus a figuras masculinas do que propriamente um antropomorfismo, que seria a associação de Deus à figura humana, em geral.

Como consequência disso, pode-se destacar o fato de que, por muito tempo, textos bíblicos que exaltam Deus como figura de gênero masculino serviram para sustentar uma leitura machista da Bíblia e ao mesmo tempo minimizar a dignidade da mulher, sempre apresentada em segundo plano em relação ao homem.

Além das atribuições linguísticas do gênero masculino em relação a Deus, as representações simbólicas do divino, estão predominantemente associadas a figuras do

sexo masculino. Para constatar isso, basta olhar as representações cristãs da Trindade para identificar Deus como um senhor de longas barbas brancas.

Uma importante contribuição para a desconstrução do imaginário de gênero masculino atribuído a Deus é a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, do papa João Paulo II, lançada no dia 15 de agosto de 1988, décimo ano do seu pontificado. A Carta Apostólica não trata especificamente sobre a desconstrução dessa associação do gênero masculino em relação a Deus, entretanto, sugere pistas de reflexão que vão nesse sentido.

Essa Carta Apostólica surge com o objetivo lançar um olhar sobre a dignidade e a vocação da mulher, provocando uma reflexão sobre o papel dela na Igreja. Ela encontra-se estruturada em nove sessões, sendo uma introdução, sete capítulos e uma conclusão. Nesses sete capítulos, o Papa João Paulo II aborda a figura da mulher sob várias perspectivas bíblico-teológicas como, por exemplo, a mulher como mãe, relacionando à figura da Mãe de Deus; a mulher como imagem e semelhança de Deus; a Igreja como esposa de Cristo, entre outras. É no capítulo III dessa Carta Apostólica, no entanto, que João Paulo II faz uma provocação para que se perceba também a mulher como imagem e semelhança de Deus e reconhece que a associação de Deus a uma figura masculina não pode ser tomada como uma verdade bíblica, uma vez que a Bíblia se utiliza de uma linguagem humana para falar do divino e toda linguagem humana será sempre limitada.⁴ Contudo, para que a mulher possa ser considerada, de fato, imagem e semelhança de Deus, é preciso que se faça antes uma desconstrução da imagem de Deus como homem ou pelo menos da associação exclusiva de sua imagem ao gênero masculino.

Como foi afirmado anteriormente, por antropomorfismo da linguagem bíblica entende-se toda referência que a Bíblia faz a Deus comparando-o à figura humana e, sabe-se que os textos bíblicos estão repletos de referências assim, entretanto, ao associá-lo à figura humana, essa associação ficou restrita ao gênero masculino já que Deus é sempre chamado de Pai, senhor, guerreiro... entre outros termos, todos no gênero masculino.

No próprio livro do Gênesis, a narrativa da criação do homem que o adjectiva como imagem e semelhança de Deus já abre a possibilidade para interpretações com o intuito de justificar que Deus é homem. Uma hermenêutica que parta desse princípio deixará de lado o princípio de unidade da humanidade, no qual homem e mulher são chamados a experimentar e vivenciar, em mútua união, o amor de Deus.

⁴ *Mulieris Dignitatem*, 8.

A desconstrução da associação de Deus à figura do gênero masculino, em João Paulo II, parte do princípio da unidade que há entre o homem e a mulher enquanto humanidade. Por isso, afirma João Paulo II: “O fato de o homem, criado como homem e mulher, ser imagem de Deus não significa apenas que cada um deles, individualmente, é semelhante a Deus enquanto ser racional e livre”.⁵ Nesse sentido, há que se lembrar de que a expressão “imagem de Deus” deve ser tomada num sentido bem mais amplo, de humanidade. É a humanidade que é imagem e semelhança de Deus e não somente o homem ou somente a mulher.

Assim, recorda João Paulo II, embora Deus seja divino ele se comunica com o ser humano a partir de uma linguagem humana e se, de algum modo o antropomorfismo se faz presente na linguagem bíblica não é pelo fato de Deus ser homem e não ser mulher, mas porque se o homem “é semelhante a Deus”, como narra o livro do Gênesis, então Deus é, também, semelhante ao homem.⁶ E isso se pode afirmar tanto do homem quanto da mulher, porque a analogia se refere à humanidade de um modo geral.

Contudo, continua o Papa, se por um lado a Bíblia é “suficientemente precisa” ao afirmar que há uma semelhança entre o homem e Deus e entre Deus e o homem, por outro, com a mesma precisão afirma a não semelhança entre ambos. A analogia entre Deus e o homem tem seus limites e João Paulo II chama a atenção para o fato de que, embora a maior parte das narrativas bíblicas se refira a Deus utilizando uma linguagem no gênero masculino, é possível encontrar também na Bíblia, principalmente no Antigo Testamento, passagens que atribuem a Deus qualidades tanto masculinas como femininas, como é o caso, por exemplo, de certas passagens Livro do Profeta Isaías, na quais o amor de Deus é comparado ao amor de uma mãe como se pode conferir a seguir: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti” (Is 49,15). O mesmo se dá nesta outra passagem: “Como alguém que a sua mãe consola, assim eu vos consolarei; sim, em Jerusalém sereis consolados” (Is 66,13). Outros textos como esses também podem ser citados no livro dos Salmos, de modo que se, em muitos textos, o amor de Deus é descrito como um amor “masculino” de esposo e pai, também em muitos textos é descrito como amor “feminino” de mãe.⁷

⁵ *Mulieris Dignitatem*, 7.

⁶ *Mulieris Dignitatem*, 8.

⁷ *Mulieris Dignitatem*, 8.

Com isso, o Papa João Paulo II termina sua reflexão a respeito do antropomorfismo da linguagem da Bíblia considerando que a primeira característica que o ser humano atribui a Deus não é uma característica sexual, mas a de quem cria, que é origem de tudo, que dá vida e que está muito ligada ao gerar, pois, de acordo com João Paulo II, todo o gerar na dimensão das criaturas tem como modelo primeiro o gerar de Deus que é divino, espiritual e o gerar é próprio tanto do homem quanto da mulher, pois, “paternidade” e “maternidade” humanas trazem além de semelhanças em si mesmas, uma semelhança com o gerar de Deus.⁸

Desse modo, pode-se afirmar que não existe uma definição dogmática que encontre fundamentação bíblica ou teológica para estabelecer que o modo como o ser humano deva dirigir-se a Deus tenha que ser no “masculino” e não no “feminino” ou no “feminino” e não no “masculino”. Entretanto, uma reflexão dessa natureza só pode ser feita graças às contribuições da hermenêutica feminista dos textos bíblicos que surge como uma proposta de releitura da Bíblia a partir da ótica da mulher como será demonstrado a seguir.

2. A hermenêutica feminista dos textos bíblicos: origem e desenvolvimento

A reflexão sobre as questões de gênero em relação a Deus como, por exemplo, a desconstrução da associação da sua imagem à figura do gênero masculino, só é possível graças às contribuições da hermenêutica feminista dos textos bíblicos e ao próprio movimento feminista que desde suas origens luta pelos direitos das mulheres, sua valorização e reconhecimento de sua dignidade.

De acordo com Silvana Suaiden, a leitura feminista da Bíblia está profundamente ligada à teologia feminista e à luta pelos direitos das mulheres, sobretudo na América Latina, mas também em outras partes do mundo, visto que esta leitura surge da própria vivência das mulheres teólogas e leitoras da Bíblia.⁹ Enquanto metodologia, a hermenêutica feminista parte da *suspeita hermenêutica* de que a Bíblia surge em um contexto de patriarcado e foi escrita em uma linguagem androcêntrica, assim como as traduções e interpretações da Bíblia, inclusive quando trata de textos nos quais mulheres estão presentes ou que a elas se referem. Assim, uma das tarefas principais dessa

⁸ *Mulieris Dignitatem*, 8.

⁹ SUAIDEN, S., *Leitura feminista*, p. 350.

hermenêutica é ajudar a desconstruir a linguagem androcêntrica presente nos estudos bíblicos.¹⁰

No âmbito dessa linguagem androcêntrica, estão as formas de expressão que masculinizam Deus, e não raro atuam como reforço de atitudes misóginas que afastam as mulheres das esferas de decisão na sociedade e nas igrejas.¹¹

A teologia feminista, para Gibellini, é “a expressão de mulheres, feministas e cristãs ao mesmo tempo, que compartilham [...] a nova consciência da mulher e a militância pela emancipação e libertação delas engajadas em suas comunidades e em uma reflexão de fé”.¹²

A hermenêutica feminista dos textos bíblicos tem suas origens no final do século XIX, nos Estados Unidos. Ela nasce do encontro periódico de mulheres cristãs lideradas por Elizabeth Cady, que se reuniam com o intuito de estudar as passagens da Bíblia que se referiam à mulher, buscando interpretá-las a partir da reflexão que a mulher fazia de si mesma. Isso significa que a hermenêutica feminista da Bíblia, nasce em berço protestante e só depois de algum tempo chega ao ambiente católico.¹³

Dos encontros dessas mulheres e desses estudos bíblicos nasce a “Bíblia da Mulher” publicada em duas partes, sendo a primeira parte publicada em 1895 e a segunda em 1898. A publicação dessa edição da Bíblia constituiu, por assim dizer, o marco do nascimento da hermenêutica feminista da Bíblia.¹⁴

A partir de então, a hermenêutica feminista dos textos bíblicos foi se desenvolvendo e provocando reflexões teológicas diversas, contribuindo para uma maior valorização da mulher no ambiente eclesiástico. No âmbito católico, o primeiro esboço de uma reflexão nessa linha feminista surge na Grã-Bretanha em 1911, com um movimento chamado “Aliança Internacional Joana D’Arc”, que tinha como lema: “Orai a Deus: Ela vos ouvirá!” usando de modo ousado e polêmico o feminino “ela” para se referir a Deus, relativizando, já nessa época, no plano linguístico, o uso predominante do gênero masculino.¹⁵ Percebe-se, pois, que, desde o início da hermenêutica e da teologia feminista, a questão do gênero masculino atribuído a Deus foi alvo de críticas e reflexões.

¹⁰ SUAIDEN, S., *Leitura feminista*, p. 351-352.

¹¹ PELLETIER, A.-M. *Feminismo e Bíblia*, p. 537.

¹² GIBELLINI, R., *A teologia do século XX*, p. 419-420.

¹³ GIBELLINI, R., *A teologia do século XX*, p. 415.

¹⁴ GIBELLINI, R., *A teologia do século XX*, p. 415.

¹⁵ GIBELLINI, R., *A teologia do século XX*, p. 415.

A hermenêutica feminista dos textos bíblicos encontrou respaldo também no ambiente católico, de modo que, em 15 de abril de 1993, a Pontifícia Comissão Bíblica publicou um documento chamado “A interpretação da Bíblia na Igreja”, no qual destacou a importância da hermenêutica feminista dos textos bíblicos apresentando três formas principais dessa abordagem hermenêutica: a forma radical, caracterizada pela recusa total da autoridade da Bíblia sob o argumento de que ela foi escrita por homens a fim de assegurar a dominação do homem sobre a mulher; a forma neo-ortodoxa, que aceita os textos bíblicos na medida em que eles se posicionam em favor dos oprimidos, inclusive as mulheres e procura destacar os textos que podem ser tomados em favor da libertação da mulher e da defesa de seus direitos; a forma crítica, que reflete sobre o papel da mulher cristã no movimento de Jesus e nas primeiras comunidades do cristianismo.¹⁶

De acordo com esse documento católico, a novidade da hermenêutica feminista da Bíblia não está na elaboração de um novo método de abordagem, mas sim no objeto de reflexão, já que ela utiliza-se dos métodos de exegese já existentes, de modo especial, o método histórico crítico. Entretanto, ela acrescenta a esse método dois critérios: o critério feminista, que foca na libertação da mulher, utilizando uma hermenêutica da suspeita em relação à história e o critério sociológico, que parte do estudo das sociedades dos tempos bíblicos a fim de compreender como a mulher vivia nessas sociedades.¹⁷

O documento ressalta que, em relação ao Novo Testamento, o objeto de estudo da hermenêutica feminista não é a concepção da mulher em si, mas a reconstrução histórica da situação da mulher no primeiro século, tanto no ambiente judaico quanto no ambiente greco-romano e a situação delas a partir do movimento de Jesus.¹⁸

Nessa perspectiva, corroborando com o que foi afirmado por João Paulo II a respeito do antropomorfismo da linguagem da Bíblia, a Pontifícia Comissão Bíblica, afirmou no documento “A Interpretação da Bíblia na Igreja” a contribuição da hermenêutica feminista da Bíblia considerando, entre as numerosas contribuições positivas dessa abordagem hermenêutica o fato de que contribuiu muito com o esforço dos que tentam chegar a uma compreensão melhor da imagem de Deus: “o Deus da Bíblia não é projeção de uma mentalidade patriarcal, mas ele é também Deus de ternura e de amor maternos”.¹⁹

¹⁶ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 79.

¹⁷ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 80.

¹⁸ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 80.

¹⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 81.

Para Udo Schnelle, a interpretação feminista é importante, principalmente por provocar reflexões sobre aspectos importantes, mas muitas vezes negligenciados, da interpretação do Novo Testamento, por exemplo, o fato de as mulheres serem citadas em relatos importantes sobre a vida e o ministério de Jesus, mas muitas vezes só se destacarem os homens que aparecem nesses relatos. Além disso, ressalta ele, a crítica da teologia feminista, conseqüentemente assumida pela hermenêutica feminista a respeito de alguns textos do Novo Testamento, como, por exemplo, 1Tm 2,11-14, que corrobora com a tradição da subordinação da mulher ao homem, faz com que textos como esse possam ser interpretados sob outras perspectivas.²⁰

3. A atualidade da questão de gênero atribuída a Deus: análise de caso

A atualidade da questão de gênero em relação a Deus não passa despercebida. Em 08 de setembro de 2018, o site Gospel Prime publicou uma matéria intitulada “Aumenta o número de cristãos que veem Deus como alguém ‘sem gênero’”, de autoria de Jarbas Aragão. Na referida matéria, o autor cita uma pesquisa feita pelo Instituto Britânico YouGov, na qual apresentam-se dados a respeito de como os cristãos consideram a questão de gênero em relação a Deus. Como resultado dessa pesquisa tem-se as seguintes informações estatísticas: um por cento dos entrevistados concordam que Deus é mulher, enquanto trinta e seis por cento afirmam que Deus é homem. Quarenta e um por cento afirmaram que Deus não tem gênero definido, ou seja, não é homem nem mulher e dezenove por cento se abstiveram de opinar, alegando não saber.²¹

Essa pesquisa foi feita com mais de três mil cristãos britânicos e deixou claro que a identificação com um Deus masculino era mais forte entre os católicos, que configuravam quarenta e sete por cento dos entrevistados, enquanto os protestantes, quarenta e três por cento dos entrevistados se mostraram mais propensos a pensar Deus além do gênero humano, o que para o autor da matéria é um dado interessante se considerado o fato de que a doutrina católica é clara no Catecismo da Igreja Católica a esse respeito quando no n. 239 afirma que “Deus transcende a distinção humana dos sexos. Não é homem nem mulher: é Deus”.²²

²⁰ SCHNELLE, U., Introdução à exegese do Novo Testamento, p. 175-177.

²¹ ARAGÃO, J., Aumenta o número de cristão que veem a Deus como alguém “sem gênero”.

²² ARAGÃO, J., Aumenta o número de cristão que veem a Deus como alguém “sem gênero”. CEC 239.

Outro fator interessante que chama a atenção na referida pesquisa é o fato de que entre os cristãos entrevistados, aqueles com mais de sessenta e cinco anos foram mais propensos a ver Deus como alguém sem gênero do que os cristãos na faixa etária dos vinte e cinco aos quarenta e nove anos.²³

O autor destaca, na matéria que, assim como na igreja luterana da Suécia, citada na introdução deste artigo como referência no pioneirismo da propagação da ideia de um Deus com gênero neutro, a igreja anglicana tem se esforçado para eliminar de suas liturgias uma linguagem patriarcal.²⁴

Conclusão

A pesquisa do Instituto Britânico YouGov, acima mencionada, mostra como o tema do imaginário de gênero masculino aplicado a Deus é ainda um tema complexo entre os cristãos, que precisa ser abordado mais abertamente entre os cristãos.

A hermenêutica feminista da Bíblia tem dado sua contribuição para que este tema seja abordado, chamando a atenção, entre suas propostas, para os textos bíblicos em que a figura de Deus é associada a imagens ligadas ao gênero feminino, notadamente à figura da mulher mãe, como, por exemplo, Is 49,15.

Em âmbito católico, a Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem*, sobre a dignidade da mulher, do Papa João Paulo II, veio confirmar esse caminho, lembrando que a humanidade, homem e mulher, é criada à imagem de Deus, como ensinam os relatos bíblicos da criação no livro do Gênesis.

O presente artigo, a seu modo, também pretende contribuir com o diálogo a respeito dessa temática e provocar reflexões sobre Deus a partir das questões de gênero, *des-andromorfizando*, por assim dizer, o imaginário a respeito de Deus.

Referências

- ARAGÃO, J. Aumenta o número de cristão que veem a Deus como alguém “sem gênero”. *Gospel Prime*, 08 set. 2018. Disponível em: <<https://www.gospelprime.com.br/pesquisa-cristaos-deus-sem-genero/>> Acesso em: 24 nov. 2019.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

²³ ARAGÃO, J., Aumenta o número de cristão que veem a Deus como alguém “sem gênero”.

²⁴ ARAGÃO, J., Aumenta o número de cristão que veem a Deus como alguém “sem gênero”.

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Disponível em:
<http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html>
Acesso em: 27 nov. 2019.
- GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.
- JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem: a dignidade e a vocação da mulher*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- PELLETIER, A.-M. Feminismo e Bíblica. In: *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Publicado sob a direção do Centro: “Informática e Bíblia”, Abadia de Maredsous. Tradução A. E. Pintarelli e O. A. Bernardi. São Paulo: Loyola / Paulus / Paulinas, 2013. p. 536-537.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- RONCOLATO, M. A igreja sueca que pretende tratar Deus sem um gênero específico. *Nexo Jornal*, 30 dez. 2017. Disponível em:
<<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/30/A-igreja-sueca-que-pretende-tratar-Deus-sem-um-gênero-específico>> Acesso em: 24 nov. 2019.
- SUAIDEN, S. Leitura feminista. In: SILVA, C. M. D. da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2003; p. 350-354.
- SCHNELLE, U. *Introdução à exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

Recebido em: 08/09/2019
Aprovado em: 28/11/2019